

VELHO, Gilberto. A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973 (1º edição); 1989 (5º edição).

Raquel Carriconde¹

Recebido em: novembro de 2013

Aceito em: dezembro de 2013

Para citar este artigo:

CORRICONDE, Raquel; VELHO, Gilberto. A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973 (1º edição); 1989 (5º edição). In: **Revista Intratextos**, 2013, vol 4, no1, p. 119-139. DOI: 10.12957/intratextos.2013.8506

¹ Raquel M. Carriconde é mestre pelo PPCIS onde se insere na linha de pesquisa Estudos Urbanos e Percepções do Ambiente. Desde 2007, tem trabalhado com temáticas relacionadas a territórios, identidades e segregação socioespacial no âmbito da no âmbito da Sociologia Urbana e Antropologia Urbana. Email: raquel.carriconde@gmail.com

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). Italo Calvino em “Por que ler os clássicos”

O que resta ser dito sobre “A Utopia Urbana”, em meio acadêmico, 40 anos após sua publicação? Com um olhar retrospectivo, muitos caminhos poderiam ser percorridos para apresentar e falar do livro: uma análise do impacto do mesmo nas Ciências sociais²; uma apresentação da cena intelectual na qual sua produção esteve inserida, ressaltando os diálogos teóricos que o autor estabelecia na época³; uma análise metodológica; e outros tantos. Mas, voltando à questão inicial, esses caminhos foram e serão muitas vezes percorridos, pois estamos diante de um livro clássico da antropologia urbana brasileira. Dirijo-me, assim, àqueles alunos que estão iniciando seus percursos na antropologia urbana e que passarão, muito provavelmente, pela leitura obrigatória desse trabalho. Então, proponho uma apresentação da obra seguida da construção de uma ponte que nos permita perceber a atualidade das ideias desenvolvidas nela, pensando os processos urbanos em curso na cidade do Rio de Janeiro especialmente.

Sendo sua primeira edição publicada em 1973, “A utopia urbana” foi uma versão revisada de sua dissertação de mestrado intitulada “A utopia urbana: um estudo de ideologia e urbanização”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do departamento de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na passagem dos anos 60 para os 70, a antropologia urbana estava dando seus primeiros passos em direção a consolidação desses estudos no meio acadêmico.⁵A própria expressão definidora de um campo de investigação, Antropologia Urbana, não era comumente cunhada. O subtítulo do livro de Gilberto Velho traz essa evidência, sendo referido o estudo a um caso da Antropologia Social. Esse trabalho, como diz o autor na introdução à quarta edição do livro, de 1982, “abriu uma linha de pesquisa que hoje em dia já não precisa de maiores justificativas”. A antropologia brasileira, na época, estava voltada para os estudos das sociedades ditas “tradicionais” – camponesas e indígenas, especialmente. Começavam os

²Cito alguns trabalhos que já trataram do impacto de “A Utopia Urbana” nas Ciências Sociais: PEIRANO (2006); ECKERT (2013); COELHO (2009).

³Essa reflexão foi feita pelo próprio autor em alguns textos. Por exemplo: VELHO (2002)

⁴

⁵É importante sublinhar o pioneirismo de Ruth Cardoso e Eunice Durham, ambas atuando no Curso de Ciência Política da USP, e abrindo caminho para os estudos urbanos. Ver: ECKERT & ROCHA (2013).

estudos urbanos voltados para as favelas, garantindo ao pesquisador certo distanciamento do universo investigado. Era inédito, ainda, o estudo de um universo do qual o pesquisador fazia parte ativamente⁶.

O trabalho tratou de seguir os interesses do antropólogo sobre as camadas médias urbanas – “como pensavam, como definiam o mundo e a si mesmas, quais eram seus valores etc. etc.” – pesquisando moradores de um prédio em que ele morou no bairro de Copacabana. O autor desenvolverá um trabalho sobre as camadas médias residentes no bairro atentando para suas representações e estilos de vida. Seu interesse propulsor estava em, diante do crescimento populacional do bairro, e dos problemas decorrentes dessa alta densidade, entender o que impulsionava novos moradores a residir nele e aos que ali estavam a permanecer. Tendo como *locus* privilegiado da pesquisa o “prédio”, seu objetivo era, no entanto, captar através deste o bairro de Copacabana e o fenômeno a ele associado (de crescimento e de estilo de vida), em posição relacional com a cidade. O livro é dividido em quatro capítulos que vão de um plano geral a um plano específico – ou da apresentação do bairro ao aprofundamento das visões de mundo e estilos de vida de indivíduos residentes ali.

No primeiro capítulo, “O Bairro”, Velho apresenta Copacabana desde seus aspectos históricos de formação urbanística, passando por estatísticas demográficas, até o ritmo de ocupação do bairro por alguns de seus personagens transeuntes. Seu esforço, nesse capítulo, é sublinhar o processo de passagem do “bairro pacato à beira mar” para a “floresta de cimento armado”, de lugar relativamente isolado a uma “espécie de outro centro da cidade”⁷. Outro esforço está em definir espacialmente seu universo de pesquisa, ou como o autor coloca, a “unidade sociogeográfica” que constitui Copacabana. Ao identificar diferenças socioeconômicas e históricas de ocupação espacial entre áreas que compõem o bairro, o autor delimita subáreas dentro desse, operando “no nível consciente do morador” e “vendo como ele [o morador] se orienta” no bairro. Com isso, o autor percorre um caminho que ficou consolidado nos estudos urbanos, qual seja, a criação de mapas sociais – ou cognitivos – construídos pelos agentes diretamente envolvidos nas dinâmicas de ocupação dos espaços, desvinculando as definições de fronteiras pautadas por aspectos sociais das definições cartográficas oficiais pautadas exclusivamente por índices técnicos.

⁶Sobre o pesquisador pesquisando sua própria cidade o autor escreveu “Observando o familiar” (1981), que junto do trabalho de Roberto DaMatta “O ofício do Etnólogo ou como ter anthropological blues” (1981) e tornaram clássicos da área.

⁷Em recente trabalho sobre Copacabana, Julia O’Donell (2012) resgata a história da formação do bairro, desde o início do século XX, atentando para a construção das representações que identificam esse no mapa da cidade.

No segundo capítulo, “O prédio”, Velho localiza espacialmente o “Estrela”, colocando-o em relação às dinâmicas comerciais, de circulação e de ocupação do bairro. Descreve com detalhamento os aspectos físicos e as dinâmicas de socialização que compõem o prédio: os apartamentos, a área comum, a administração do condomínio, a composição entre inquilinos e proprietários, as brigas, desacordos, reclamações, as possibilidades de comunicação entre os moradores e a relação desses com os outros moradores do bairro. Apresenta tabelas estatísticas construídas a partir das entrevistas realizadas com moradores do prédio – faixa etária, naturalidade, ocupação, tempo de residência no bairro, tempo de residência no prédio, bairro de onde vieram. Com esses dados, o que lhe interessa é contextualizá-los, analisando como esses números se traduzem em relações sociais e como se relacionam com o fato de serem verificados no “Estrela”.

No terceiro capítulo, “Os outros moradores do bairro”, o autor expande seu universo de pesquisa quantitativa para outros moradores do bairro de Copacabana. Com a aplicação de questionários – onde indicativos sócio-econômicos como idade, naturalidade e profissão andam ao lado da pergunta “por que Copacabana?” –, Velho buscou construir o perfil médio do morador desse bairro. Sua intenção foi isolar para depois comparar o perfil dos moradores do “Estrela” com outros moradores do bairro que vivessem em diferentes áreas desse. Com a minuciosa análise comparativa dos dados desses questionários, Velho chega à conclusão de que esses moradores encontravam-se nos estratos médios da sociedade, sendo predominantemente indivíduos *whitecollars*. Partindo dessa exposição preliminar trata, a seguir, de examinar a escala de valores e visões de mundo desse universo.

É o que encontramos no quarto e último capítulo, “Ideologia e imagens da sociedade”, onde o autor apresenta e discute o que chama de “unidades mínimas ideológicas” – frases, palavras e expressões usadas por indivíduos componentes do universo pesquisado para qualificar o bairro e a vida ali – com as quais reconstruirá um sistema de classificação de base espacial e as formulações de caráter ideológico desse universo. Assim é que encontramos a *variedade*, a *modernidade* e a *liberdade*, dentre outras categorias, associadas a um estilo de vida experienciada ali. O autor alerta, contudo, que essas “unidades mínimas ideológicas” não tem significado em si, mas só na medida em que são colocadas em oposição a outras categorias de classificação. Assim, elas se construiriam em relação com outros bairros da cidade, especialmente os da zona norte e subúrbio⁸. Conclui que para seus entrevistados o

⁸Em trabalho realizado em meados da década de 80, Sandra Carneiro (1986) traz para o debate das representações acerca do território urbano carioca a face complementar desse sistema de classificação.

deslocamento no mapa da cidade – a mudança de bairro – significava uma mudança na escala social. Morar em Copacabana significava, então, para maioria de seus entrevistados, uma ascensão social. Mas para outros, Ipanema podia representar essa ascensão, frisando o princípio da oposição.

O que Velho busca através da análise desses discursos é algo desenvolvido pela antropologia clássica – um sistema de representação e classificação do mundo social e natural. Diz o autor: “trata-se de verificar que categorias são utilizadas, como se relacionam e hierarquizam, e os princípios que presidem esta organização” (1989;65). Trata-se, pois, de categorização, hierarquização e organização espacial. O autor está evidenciando como o espaço social se reifica no espaço físico⁹. Ou, seguindo suas palavras, “o mapa da cidade passa a ser um mapa social onde as pessoas se definem pelo lugar em que moram” (1989; 80). Traz à cena a questão do *prestígio* e do *status* que acompanha o processo de hierarquização dos bairros e que define os moradores desses. E é esta compreensão dos sistemas de classificação de diferentes territórios da cidade e da construção de fronteiras simbólicas que acompanha esse processo de hierarquização dos espaços urbanos, que fornece a chave para pensarmos a cidade do Rio de Janeiro hoje e que mantém seu trabalho atual.

Uma questão teórico-metodológica apontada por Velho, nos idos anos 70, ainda perdura na academia, qual seja, a “preocupação em traçar limites rígidos entre o que seja uma investigação ‘sociológica’ e uma ‘antropológica’” (1989; 11). Para o autor, o trabalho em meio urbano, por sua complexidade, exige o “concurso de diferentes tradições de trabalho”. Assim, história, geografia, antropologia, sociologia e psicologia, por exemplo, deveriam dialogar nas pesquisas do meio urbano. Dito isso, podemos transitar para uma análise essencialmente político-sociológica sobre a gestão dos espaços urbanos na atualidade, mantendo a ponte que liga essa análise às principais ideias desenvolvidas por Velho no trabalho em questão.

Então, gostaria de introduzir uma reflexão desenvolvida por Harvey (2005) e articulada por Ribeiro e Junior (2013) ao contexto carioca atual que nos ajuda a pensar a cidade desde uma perspectiva macro analítica. Trata-se da noção de “governança empreendedorista empresarial” que pressupõe a cidade como um objeto e campo de negócios – sua mercantilização – onde a parceria público-privada visaria o “pleno desenvolvimento das relações mercantis no uso e apropriação da cidade, ao invés de regular as forças de mercado para torná-las compatíveis com a promoção do direito à cidade” (2013; 25). Uma

⁹ O espaço social reificado no espaço físico foi assim enunciado e desenvolvido por Bourdieu (2007).

característica dessa nova forma de gestão das cidades seria a escolha de lugares específicos para realizar intervenções urbanas e atrair investimentos do empresariado, ao invés de desenvolver o conjunto do território urbano, ou seja, toda a cidade. Os projetos da Cidade Olímpica, do Porto Maravilha, as Unidades de Polícia Pacificadora e as intervenções da Secretaria Especial de Ordem Pública – choque de ordem – são alguns exemplos de ações que se desenrolam dentro dessa lógica de intervenção sobre o espaço urbano¹⁰. Nessas iniciativas do governo vemos a identificação de lugares que são recortados e separados do conjunto da cidade que passam a receber investimentos por parte dos governos a fim de atrair investimentos da iniciativa privada.

Nesse processo de identificação, recorte e separação de lugares específicos dentro do conjunto urbano, vemos uma valorização econômica de determinadas áreas da cidade sendo acompanhada por uma valorização simbólica dessas. Um caso emblemático é a Lapa, localizado no centro da cidade, região que por décadas passou ao largo dos investimentos estatais em infraestrutura. Outrora identificada como reduto de uma boemia decadente, frequentada por personagens estigmatizados – o malandro, a prostituta, o travesti –, atualmente, foi transformada em um destino de diversão noturna, recebendo altos investimentos da “parceria público-privada”. Esses personagens e o estilo de vida que os acompanha no imaginário social também receberam investimentos de ordem simbólica, sendo realocados na composição de cenários dos bares e ruas da região. No bojo desse processo, a Lapa desponta como bairro, pois antes ela era apenas uma região do centro da cidade. Os moradores passam a ter um CEP próprio e altamente valorizado no mercado imobiliário. Muitos antigos moradores, diante dessa valorização sofrem aquilo que tem se chamado “remoção branca”, que significa um constrangimento econômico que lhes faz procurar outros lugares para morar. Se antes quem morava na Lapa era estigmatizado por moradores de outras regiões da cidade, hoje o morador dali não é mais. No entanto, muitos antigos moradores tiveram que partir para lugares mais distantes da cidade, por vezes estigmatizados pela pobreza e/ou violência¹¹.

Nesse processo o mapa social da cidade vai se transformando. Novas fronteiras simbólicas são erguidas sobrepondo-se ou apagando as já existentes. Diante desse quadro

¹⁰Para aprofundar a reflexão sobre esse processo de intervenções urbanas recentes na cidade do Rio de Janeiro cito alguns trabalhos: LEITE, (2012); CUNHA & MELLO (2011);

¹¹ O mesmo processo pode ser descrito, guardando-se suas especificidades, a partir da criação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs); nos processos de intervenção do Porto Maravilha; do Morar Carioca; dos Bairros Maravilha etc.

macro analítico faz-se necessário perceber quais são os sistemas classificatórios que operam nessa organização espacial, como os moradores da cidade constroem essas fronteiras e transitam por elas – caminhos esses explorados por Gilberto Velho em 1969.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. “Efeitos de lugar”. In: BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2008.
- CARNEIRO, Sandra. **Balão no Céu, alegria na terra**: um estudo sobre as representações e a organização social dos baloeiros. Rio de Janeiro: INF/Funarte, 1986.
- CARNEIRO, Sandra. “Rio, Zona Norte e Zona Sul: fronteiras para além dos estigmas”. In: CARNEIRO, Sandra & SANT’ANNA, Maria Josefina (orgs). **Cidade: olhares e trajetórias**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- COELHO, Maria Claudia. “Uma certa antropologia urbana: a experiência subjetiva em ambientes fragmentados”. In: CARNEIRO, Sandra & SANT’ANNA, Maria Josefina (orgs). **Cidade: olhares e trajetórias**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- CUNHA, Neiva Vieira & MELLO, Marco Antonio. Novos conflitos na cidade: a UUP e o processo de urbanização na favela. In: **Dilemas**. Vol. 4, n. 3, jul/ago/set 2011, pp. 371-401.
- DAMATTA, Roberto. “O ofício do Etnólogo ou como ter *anthropological blues*”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). **A aventura Sociológica**: objetividade, paixão improvisado e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.
- ECKERT, Cornélia & ROCHA, Ana Luiza de Carvalho. **Antropologia da e na cidade**: interpretações sobre as formas de vida urbana. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- JUNIOR, Orlando Alves dos Santos & RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. “Governança empreendedorista e megaeventos esportivos: reflexões em torno da experiência brasileira”. In: **O Social em Questão**. Ano XVI, n. 29, 2013, pp. 23-42.
- LEITE, Marcia. “Las ‘ciudades’ de La ciudad de Rio de Janeiro: reestructuración urbana em el contexto de los ‘grandes eventos’”. In: **Proposta**. Ano 36, n.125, 2012, pp. 21-23.
- O’DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana**: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2013.
- PEIRANO, Mariza. **A teoria vivida e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In: NUNES, Edson de Oliveira (org). **A aventura Sociológica**: objetividade, paixão improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

_____, Becker, Goffman e a antropologia no Brasil. In: **Sociologia, Problemas e práticas**, n.38, Oeiras maio 2002.